Editorial

Já faz algum tempo que os editores da revista "Tempo e Presença" deixaram registrado, a partir da leitura da evolução dos fatos históricos e das transformações na sociedade, o desafio para os nossos dias:

> *"Vivemos hoje sob a égide da cultura da desesperança... Urge a superação de uma visão pessimista e de sacrifício da história e dos seres humanos, como também de uma visão otimista que não consegue enxergar os limites na luta pela construção de um mundo mais humano e mais igualitário.* O desafio é assumir a história e reconstruir a esperança" (Tempo e Presença *n. 268, mar/abr 93, editorial).*

Esta leitura tem sua inspiração na análise que Franz Hinkelammert faz do nosso tempo, na qual tira uma conseqüência importante para o tema que aqui vamos considerar:

> *"A cultura da desesperança não deixa surgir projetos..." (La lógica de la expulsión.* Pasos, *Revista do Dei, Costa Rica, (3): 8-9, 1992).*

Com isso estamos no cerne do problema que se põe para nós. De um lado, o propalado fim das grandes utopias e a afirmação de que nossos projetos se tornaram obsoletos. De outro lado, a consciência de que, se a nossa esperança se limitar apenas a este mundo, somos as pessoas mais infelizes deste mundo (1Cor 15,19). Então, para que haja utopias é preciso resgatar a esperança, para que se renovem os projetos é preciso não se conformar com a "cultura da desesperança".

Mas para que isto aconteça é preciso também rever algumas ênfases em nossa maneira de apresentar e defender nossas utopias e projetos. Houve o tempo em que se pensava poder construir essas utopias do reino de Deus com as próprias forças. Julgava-se que a força da fé e das mãos ativas do povo bastaria para erguer do chão o projeto de uma nova sociedade e de um ser humano renovado. É possível que tenhamos chegado a um tempo de maior sobriedade, um tempo de nos voltarmos para a fonte de todas as utopias e projetos de um novo ser humano e de uma nova realidade. É tempo de reafirmarmos e termos bem presente que o reino

é de Deus e que sua realização em nossa realidade é sinal de sua misericórdia, que ele compartilha conosco por sua graça.

Milton Schwantes encontra as palavras certas numa reflexão sobre Ezequiel 37:

> *"A esperança nasce no justo lugar, onde não se deixa de ver as coisas como são, sem enfeite (...). Mas, agora, esta esperança profética precisa resistir desde o mais profundo do 'vale dos ossos', secos e amargurados, despedaçados e estraçalhados. E a profecia é portadora deste milagre. Não por ela mesma, não pela força de suas análises e projeções, não por razão do povo, mas no vigor do Espírito"* (Proclamar Libertação. *São Leopoldo, Ed. Sinodal, 1992, vol. XVIII, 105).*

Os artigos que seguem, com sua variedade de abordagens e leituras, reafirmam utopias, aprofundam projetos de esperança e lançam luz sobre o dilema da desesperança em nosso tempo. Trata-se de um "passeio" pela Bíblia com o olhar atento para os sinais de esperança e utopias que ali despontam:

Noli Hahn *recorre a um texto de Miquéias sobre a redistribuição da terra com o fim de contradizer a lógica que afirma a morte das utopias.* Friedrich Erich Dobberahn, *numa interpretação original de 1Rs 19,1-14, percebe a presença de Deus na voz dos miseráveis deste mundo e reafirma o significado utópico de ouvir essa voz. A partir do estudo do Eclesiastes,* Ildo Bohn Gass *aborda o ideal do trabalho colocado em função da vida, tendo como resultado a alegria de viver e a solidariedade. Baseado em Isaías 11,1-9,* Itacir Brassiani *aborda de maneira aprofundada o sentido de falar em utopias dentro da atual conjuntura da negação de todas as utopias e* Ramiro Mincato *faz o mesmo a partir de um texto do profeta Jeremias (29,1-7).*

Passando para o Novo Testamento, mais especificamente João 6, temos uma reflexão de Itacir Brassiani *sobre o significado do pão para a existência do ser humano no horizonte utópico. Os dois artigos seguintes, de* Castor B. Ruiz *sobre a comunidade solidária dos Atos e de* Nélio Schneider *sobre a compreensão da esperança em Paulo a partir de 1Coríntios 15, destacam o significado da esperança ou do utópico para a vivência cotidiana da fé por parte da comunidade. Por fim, dois artigos que tomam por base o Apocalipse de João. O de* Nestor Paulo Friedrich *parte de At 2,1-7 e sublinha o significado da solidariedade para a prática cristã na dimensão da esperança. O de* Günter Wolff *interpreta Ap 15 a 19 na perspectiva da oposição de Deus ao sistema opressor afirmando a "utopia do fim" como modelo da esperança.*

Os artigos que seguem foram escritos tendo em vista a necessidade de retomar com intensidade a reflexão sobre o sentido da utopia bíblica como inspiração para a interpretação da nossa realidade. Possam eles contribuir de modo construtivo e estimulante para a reflexão em torno desse tema fundamental de nossa fé e nos fazer buscar alento para a caminhada no "Deus da esperança"!

Nélio Schneider